

Retalhos da Vida

Nic Nilson

Retalhos da Vida... da sua vida, da minha, de todos nós. Acontecimentos, coincidências, agruras, aventuras, causos e histórias. Neste livro você vai encontrar pitadinhas de sal, açúcar, café, leite, broinhas, mel, cheiro de fogão à lenha, comida mineira... Vai fechar os olhos e ser transportado lá pra roça, no meio do cafezal. Vai escutar o barulho das botas batendo no assoalho da casa grande da fazenda e ver os cavalos no pasto... Você vai sentir o mundo real, de uma época surreal que branqueou os cabelos deste ser iluminado que é Paulo Ribeiro Sobrinho.

Este mineiro de fala mansa, que como um rio desceu o leito no seu vagar, sem pressa, “tomando de tudo a devida nota”, como diria Guimarães Rosa. Ciente de que um dia, assim como sempre, apareceria alguém na sua vida e de posse de seus escritos e rascunhos, já mofando nas sacolas e caixas, faria um livro e espalharia aos ventos .

E foi exatamente assim. Numa tarde, atravessando a praça da cidade com meu pai, vi um senhor de cabeça branca, caminhando serenamente, apreciando a paisagem... Perguntei a papai se o conhecia. Ele respondeu que sim, era o “seu” Paulo. Então disse pra mim mesmo: Este homem tem história pra ser contada. E caminhamos e nos emparelhamos e meu pai me apresentou para aquele homem.

Depois de horas de conversa decidimos pelo “fazer o livro”.

Assim, a Globo Cine Digital já fez alguns títulos e ajuda pessoas a realizar seus sonhos! Hoje estou aqui apresentando esta história que o “seu” Paulo chama de milagre. Espero que gostem, que tenham desejo de conhecer melhor. Deixo aqui apenas algumas páginas para deleite de vossas almas!

... ..

Meu pai, os capatazes e os peões da fazenda e mais os “retireiros”, traziam peixes às fileiras. Peixes de todas as qualidades. Os que mais me encantavam eram os Lambaris graúdos,

barriga de prata. Fritos, bem torrados se tornavam em iguarias finíssimas. Meu pai gostava de Traíra ensopada. Molho ardido com pimenta Dedo-de-moça e muita cebola e alho torrado. Mas os chegados na cachaça afirmavam que caldo bom era o caldo de Piranha, bem apimentado, claro. Eu preferia meus lambarizinhos torrinhos, com tutu de feijão ou farofa com cheiro verde. Mas se a chuva fizesse o “corguinho” transbordar, na certa os peixes sumiriam. A água lamacenta e parda escondia os peixes. Mas a chuvinha sagrada trazia cardumes. Depois que ela passava, as águas serenavam, e o sol dava as caras, os peixes apareciam para encher os timbós e os bornais daquela gente festeira.

... ..

A luz amarela dos postes e as sombras dos arbustos e árvores compreendiam minha dor. Cada pedra do calçamento que recebeu minha lágrima quente sentiu minha agonia. Tiraram de mim o que eu mais amava. Enfiaram as mãos pelo meu peito, fizeram um buraco e tiraram de lá o meu coração. Enfiaram aqueles malditos e doloridos tubos nas minhas veias e sugaram meu sangue... Todo o meu sangue, gota a gota... Minha pele murchou e se apegou aos ossos. Estes secaram e estalavam como mamonas ao sol. Meus dentes travaram e minha língua grudou no céu da boca. Meus olhos não viam mais que um palmo à frente e faltava-me a respiração. O ar, era para mim como respirar pedriscos e meus pulmões recebiam pedregulho. Não havia nada mais em mim que indicasse vida. Naquele instante eu morri também.

Mas os mortos não caminham e eu continuava a caminhar.

... ..

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/retalhos-da-vida>